


A PALAVRA DE UMA MÃE FACE À JUSTIÇA

ACREDITAMOS EM TI

UM FILME DE
CHARLOTTE DEVILLERS
E ARNAUD DUFEYS

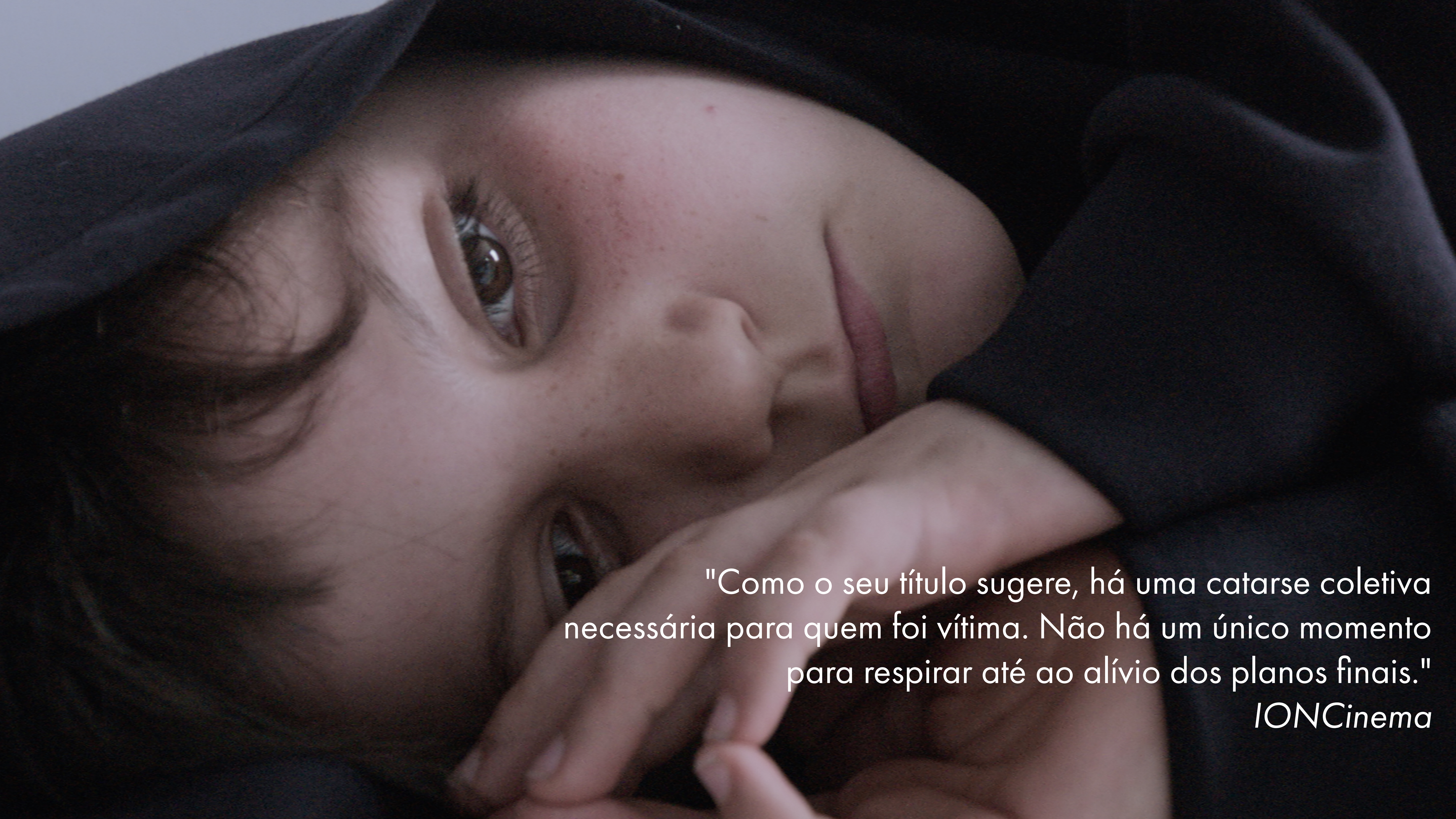


NAS SALAS
DE CINEMA
4 JUNHO



Hoje, Alice comparece perante um juiz e não há margem para erro. Tem de se fazer ouvir em defesa dos seus filhos, cuja custódia está a ser posta em causa. Conseguirá protegê-los do pai antes que seja tarde demais?

Segundo a Organização Mundial de Saúde, o incesto afeta 24% das raparigas e 11% dos rapazes. 10% destas vítimas apresentam queixa. Apenas 2% consegue alguma vez obter justiça.



"Como o seu título sugere, há uma catarse coletiva necessária para quem foi vítima. Não há um único momento para respirar até ao alívio dos planos finais."

IONCinema

ENTREVISTA COM CHARLOTTE DEVILLERS E ARNAUD DUFEYS

Acreditamos em Ti aborda questões profundamente contemporâneas e sensíveis. Como encontraram o equilíbrio entre a realidade da violência doméstica e a ficção cinematográfica?

Desde o início do processo de escrita, percebemos que as audiências em tribunal seguem naturalmente uma estrutura semelhante à de um filme de ficção ou de uma peça de teatro. A ordem em que as palavras são ditas cria tensão e conduz a revelações progressivas. A audiência foi transcrita com base em testemunhos que recolhemos, todos com características comuns entre si. As cenas anteriores e posteriores à audiência foram, no entanto, mais ficcionadas. Foram construídas para mergulhar o espectador na jornada emocional de Alice — desde os seus sentimentos iniciais de culpa até à recuperação do seu papel de mãe após a audiência.

O filme é inspirado na tua experiência como enfermeira, Charlotte. De que forma essa experiência moldou a escrita e a realização?

O filme é de facto inspirado na minha experiência como enfermeira, bem como na minha perspetiva enquanto mulher e mãe. A observação e a escuta são centrais em ambas as profissões. Compreender as histórias dos doentes e transmiti-las à equipa é algo que faço diariamente, e essas competências influenciaram profundamente a escrita e a encenação do filme.

Referem a importância da justiça nesta história. Por que razão foi crucial mostrar esta luta judicial e as suas complexidades?

Foi crucial para nós retratar de que forma a natureza prolongada, repetitiva e frequentemente esmagadora dos processos judiciais amplifica o trauma. Na nossa história, como na vida real, as crianças que são repetidamente chamadas a relatar as suas experiências e cujas palavras são postas em causa podem sentir-se desprotegidas.

Do ponto de vista de uma criança, o tempo parece ainda mais longo, e os processos judiciais longos e repetitivos têm repercussões significativas — consequências médicas, sentimentos de impotência e uma profunda rutura nas relações familiares. No caso de Alice, o seu vínculo com os filhos é gravemente afetado. Para além do trauma do abuso, muitas vítimas enfrentam o trauma

acrescido de não serem acreditadas nem protegidas pelo sistema judicial. A justiça torna-se, nesses casos, um lugar onde as feridas são continuamente reabertas.

A presunção de inocência é um princípio fundamental, mas pode criar tensões particulares no contexto da violência doméstica. Como exploraram esta dimensão no filme, mantendo uma abordagem narrativa e ética equilibrada?

Nunca foi nossa intenção criar um filme em que o suspense girasse em torno de determinar quem é culpado e quem é inocente. Respeitamos plenamente a importância da presunção de inocência. Em vez disso, centrámo-nos noutra tensão crucial: em casos que envolvem a palavra de crianças, não deveria o princípio da precaução ter precedência?

As crianças, ao contrário dos adultos, não conseguem sustentar mentiras complexas e coerentes durante um longo período. Com isto em mente, surge uma questão fundamental: o que é mais grave — correr um pequeno risco de estar errado quanto à culpa de um adulto, ou expor uma criança ao risco muito maior de sofrer abuso ou violência sexual?

O filme convida os espectadores a refletir sobre este dilema e a reconsiderar o lugar que damos à voz das crianças na nossa sociedade. Não deveríamos estar mais dispostos a acreditar nelas e a protegê-las, especialmente quando a coragem que demonstram ao falar é já imenso?

Por que razão arriscaram rodar a cena central de 55 minutos em tempo real?

Esta escolha resultou de várias considerações. Em primeiro lugar, queríamos que os atores vivessem a imediatez de uma audiência real, onde há apenas uma oportunidade para se apresentarem. Esta abordagem permitiu aos atores atuar com intensidade, reagindo espontaneamente ao desconhecido. Para os advogados, que nunca tinham representado perante uma câmara, evitou repetições exaustivas. O nosso orçamento e calendário apertados foram também fatores determinantes: rodar a cena central numa tomada contínua com três câmaras permitiu-nos concluir todo o filme em apenas 13 dias.

O filme foi realizado com um orçamento reduzido, graças ao apoio do Centro Belga do Cinema e do Audiovisual no âmbito do seu programa de apoio a produções ligeiras. Que desafios e oportunidades trouxe esta abordagem à produção?

Este apoio permitiu-nos financiar o filme ainda antes de o guião estar completamente escrito, com base apenas numa sinopse desenvolvida e num dossier básico. Foi uma oportunidade

extraordinária para realizadores estreadores, pois contornou o processo frequentemente longo e difícil de convencer comissões de seleção com um guião acabado. Um apoio tão precoce permitiu-nos lançar o projeto rapidamente.

O grande desafio foi, no entanto, cumprir o prazo exigido pelo Centro do Cinema, que nos deu apenas dois anos para escrever, realizar e entregar o filme. Isso foi particularmente exigente no que diz respeito à obtenção de financiamento adicional, uma vez que as organizações tradicionais não estão preparadas para calendários tão acelerados.

Ao mesmo tempo, a urgência criou uma experiência dinâmica e estimulante. Por uma vez, sentimos que estávamos a apanhar o comboio em vez de esperar que ele chegasse.

Este sentido de imediatez injetou energia no processo criativo e influenciou também decisões práticas, como filmar com luz natural. Ao manter o calendário curto e rodar a cena central numa tomada contínua, simplificámos a iluminação e conseguimos concluir a produção em apenas 13 dias.

Como se prepararam para alcançar esta intensidade e autenticidade?

Durante o casting, percebemos que a dinâmica entre atores profissionais e não profissionais funcionava extraordinariamente bem. Para a cena do tribunal, tratámos o processo de filmagem como se fosse uma audiência real. Organizámos sessões de improvisação entre os advogados e os atores para os ajudar a construir relações autênticas e a desenvolver os seus argumentos. Ao mesmo tempo, mantivemos a Myriem e o Laurent separados para criar uma distância genuína entre as suas personagens. Os atores profissionais estudaram meticulosamente os seus textos, enquanto os advogados se prepararam como fariam para uma audiência real. Esta abordagem dupla permitiu a cada intérprete trazer a sua experiência única ao papel.

Enquanto duo de realizadores, masculino e feminino, de que forma as vossas visões e abordagens se enriqueceram mutuamente para tratar um tema tão delicado?

Ser um duo de realização masculino-feminino foi uma força fundamental na abordagem de um tema tão complexo. Juntos, pudemos partilhar perspetivas, discutir ideias em profundidade e processar os poderosos testemunhos que encontramos. Assistir juntos às audiências em tribunal foi particularmente esclarecedor, e as discussões que se seguiram moldaram a nossa abordagem. A nossa colaboração assentou numa reflexão constante, que nos ajudou a navegar o equilíbrio delicado da temática.

Por que razão escolheram trabalhar com advogados reais?

Sabíamos que trabalhar com advogados reais pouparia tempo e aumentaria a autenticidade do filme. Eles já conheciam as nuances da linguagem jurídica, a dinâmica da sala de audiências e o peso emocional dos seus papéis. As suas improvisações durante o casting confirmaram que era a escolha certa — as suas interações com os atores pareciam naturais e profundamente credíveis.

Como reagiram os atores a esta escolha?

Tanto os atores profissionais como os não profissionais abraçaram a colaboração com entusiasmo. Os atores admiraram a eloquência e espontaneidade dos advogados, enquanto estes ficaram impressionados com o domínio da emoção e do texto por parte dos atores. Este respeito mútuo criou uma dinâmica rica e gratificante no set.

O que vos surpreendeu neste confronto entre atores e advogados?

Surpreendeu-nos a naturalidade com que esta colaboração se desenrolou. Os advogados, tal como os atores, desempenham frequentemente um papel e perseguem um objetivo preciso. Perceber estes paralelismos foi estimulante — evidenciou o quanto a representação e a persuasão são intrínsecas a ambas as profissões.

O filme centra-se na perspetiva de Alice. Como captaram a subtilidade e a profundidade das suas dificuldades?

Partilhámos testemunhos detalhados com a Myriem para informar a sua interpretação de Alice. Fisicamente, trabalhamos os seus movimentos e comportamento, inspirados pela sua ideia de uma "mãe-lobo". Internamente, recorremos a primeiros planos prolongados e a planos de escuta para transmitir o seu sofrimento silencioso. Para o seu monólogo culminante, a Myriem preparou-se minuciosamente, mas abordou cada tomada com abertura, permitindo-nos explorar diferentes nuances emocionais.

Como reagiu Laurent Capelluto à personagem do pai que lhe propuseram? Como abordou o papel e que margem de liberdade teve?

Para o Laurent, aceitar este papel não foi fácil nem óbvio. Enquanto homem, encarnar uma personagem assim no atual clima de maior consciencialização em torno da violência sexual foi desafiante. O que o convenceu foi a cena em que o pai percebe o impacto das suas ações através da incapacidade de oferecer presentes aos filhos — foi um momento decisivo para ele. O Laurent

fez muitas perguntas sobre a personagem: o que é que este homem tinha feito exatamente? Quais eram as suas razões? Que crenças ou justificações construiu para si próprio? Sugerimos-lhe que abordasse o papel como se acreditasse na sua própria inocência, o que tornou a sua interpretação mais autêntica e poderosa.

A Natali Broods interpreta a juíza. Como trabalharam com ela para retratar os desafios e responsabilidades da sua personagem?

Tivemos longas conversas com a Natali sobre os juizes de menores que encontramos durante a nossa pesquisa. Ela estava particularmente atenta a retratar a importância da escuta, a criar espaço para as emoções e a reencaminhar suavemente os momentos de tensão. A Natali não queria reduzir a juíza a um papel meramente funcional, e para se preparar leu *Défendre les enfants* do Juiz Édouard Durand. Assistiu também a audiências e reuniu-se com uma juíza, o que a ajudou a compreender as subtilezas dos gestos, do tom e das palavras utilizadas. A Natali trabalhou meticulosamente os seus diálogos, assegurando que cada palavra carregava o peso da autoridade e da empatia da juíza.

Como abordaram o trabalho com as crianças? Como lidaram com um tema tão sensível preservando o seu bem-estar?

Com a Adèle, que interpreta a Lila, abordámos o seu trabalho de forma semelhante à dos adultos, mas com ênfase na criação de um vínculo de confiança e cumplicidade com o Ulysse, interpretado pelo Etienne. Encorajámo-los a brincar juntos para promover uma ligação natural, e fizemos da Adèle a força motriz nas suas cenas, para que o Ulysse apenas precisasse de reagir ao que estava a acontecer. Com o Ulysse, abordámos a representação como um jogo. Cada tomada tinha um objetivo específico para ele atingir, usando apenas as palavras e gestos que indicámos. Não lhe pedimos que estudasse o guião com antecedência; em vez disso, explicávamos-lhe a cena e o diálogo mesmo antes de filmar.

A certa altura durante a preparação, o Ulysse fez-nos uma pergunta essencial: "o que é que o pai fez?". Percebemos a importância que tinha para ele compreender, por isso explicámos de forma adequada à sua idade. As crianças têm uma capacidade incrível de compreender, e existem ferramentas — como o livro *O Lobo de Mai-Lan* Chapiron e o seu vídeo de prevenção — que nos ajudaram a orientar. São frequentemente os adultos quem tem mais hesitação em falar sobre estes temas. Depois de respondermos abertamente às suas perguntas, o Ulysse pareceu muito mais confortável e confiante em perceber o que lhe pedíamos.

O título *Acreditamos em Ti* é forte e envolvente. O que significa esta mensagem para vocês e o que esperam que inspire no espectador?

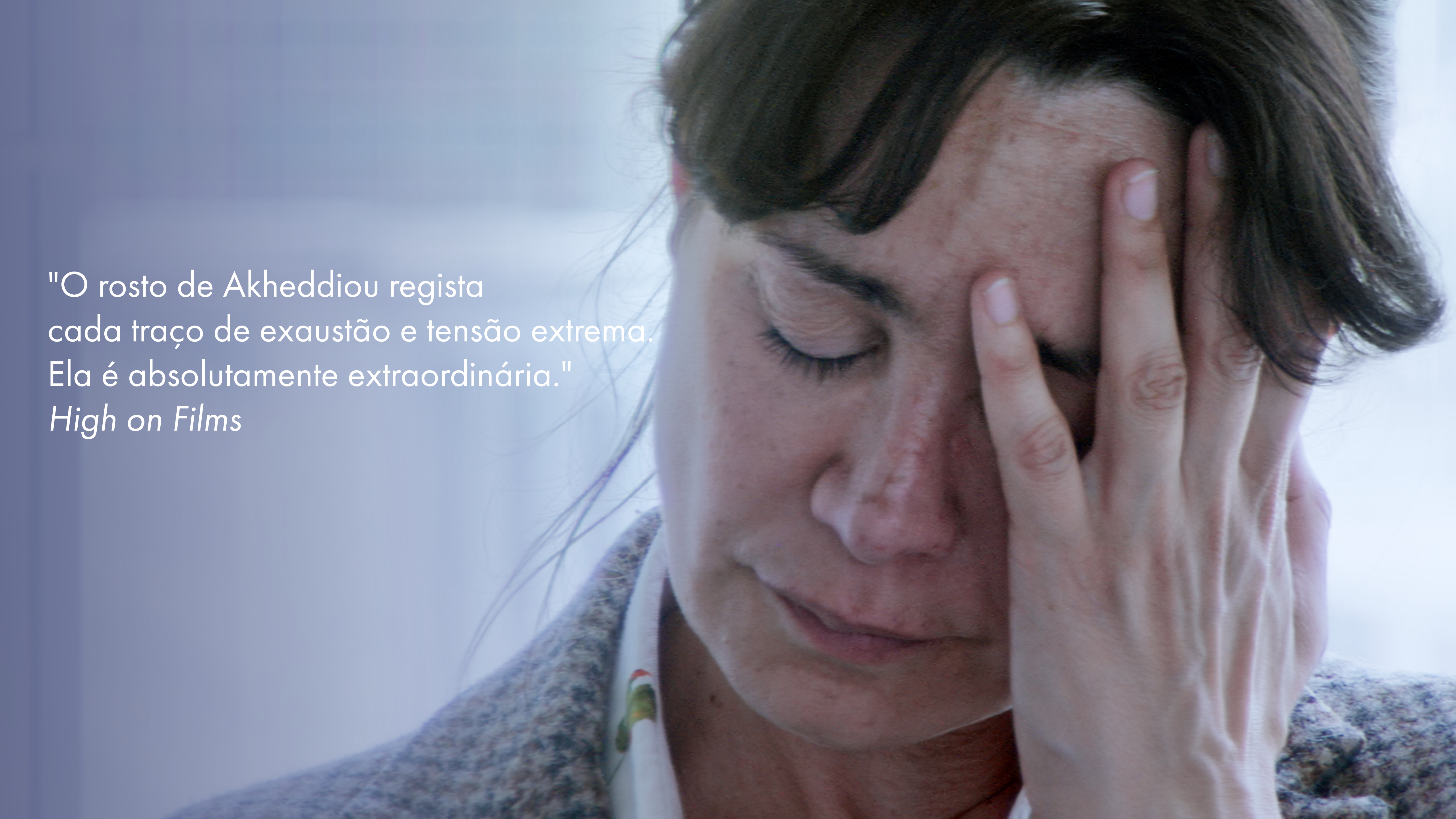
O título reflete a nossa crença de que, enquanto adultos, temos a responsabilidade de ouvir as crianças, levar as suas palavras a sério e protegê-las. Quando as crianças revelam experiências de violência, é preciso uma coragem imensa. Se as suas vozes forem ignoradas, isso pode minar a sua confiança no mundo adulto. No nosso filme, a própria Alice admite: "No início, não acreditei. Era demasiado violento. Demasiado inimaginável para mim." Os adultos preferem frequentemente negar estas realidades, mas essa negação tem consequências devastadoras.

Arnaud, depois de teres apresentado a tua curta-metragem *Invincible Summer* na Berlinale no ano passado, o que significa para ti esta nova seleção na secção *Perspectives com Acreditamos em Ti*?

Esta nova seleção é inesperada, pois não antecipava que o filme estivesse pronto a tempo. É uma honra tremenda regressar à Berlinale, particularmente com a nossa primeira longa-metragem. Para além do reconhecimento, é uma oportunidade extraordinária para partilhar o nosso trabalho com públicos de culturas e origens diversas. Pessoalmente, é um marco na minha carreira como realizador. O ambiente do festival oferece oportunidades inestimáveis para interagir com produtores, distribuidores, críticos e outros realizadores, enriquecendo tanto o meu crescimento pessoal como artístico.

Que esperanças têm para o impacto do filme na sociedade e nas discussões sobre violência doméstica e justiça?

Acima de tudo, esperamos que este filme evidencie a necessidade urgente de adaptar os procedimentos legais aos casos de abuso sexual envolvendo menores. Os atrasos na proteção de uma criança podem ter efeitos duradouros e devastadores. Para além das mudanças sistémicas, queremos transformar a perceção social das famílias das vítimas. Proteger uma criança significa frequentemente apoiar o progenitor protetor — geralmente a mãe — que frequentemente suporta o peso das falhas sistémicas enquanto carrega o sofrimento do filho.



"O rosto de Akheddiou regista
cada traço de exaustão e tensão extrema.
Ela é absolutamente extraordinária."
High on Films



FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

Realização e Argumento Charlotte Devillers & Arnaud Dufeys

Produção Arnaud Ponthière & Arnaud Dufeys

Direção de Fotografia Pépin Struye

Montagem Nicolas Bier

Design de Som Antoine Petit, Liza Thiennot & Arthur Meeus de Kemmeter

Música Lolita Del Pino

Direção de Arte Mathilde Lejeune

Figurinos Justine Struye

Efeitos Visuais Ludovic Desclin - Digital Golem

Elenco

Myriem Akheddiou

Laurent Capelluto

Natali Broods

Ulysse Goffin

Adèle Pinckaers

Alisa Laub

Marion de Nanteuil

Mounir Bennaoum

CHARLOTTE DEVILLERS & ARNAUD DUFEYS

Charlotte Devillers e Arnaud Dufey co-escreveram e co-realizaram *Acreditamos em Ti*. Profissional de saúde que trabalha frequentemente com vítimas de abuso, Charlotte contribuiu para captar alguns dos aspetos mais íntimos da realidade do Tribunal de Proteção de Menores. Arnaud Dufey, realizador e produtor, recebeu prémios internacionais pelas suas curtas-metragens, incluindo *Invincible Summer* (Berlinale 2024). Estão atualmente a desenvolver *Plaisir*, enquanto Arnaud trabalha também em duas outras longas-metragens: *Faire Surface* e *Les Caniculaires*.

Filmografia

2025, *Acreditamos em Ti*, Longa-metragem — Realização de Charlotte Devillers & Arnaud Dufey


2024, *Invincible Summer*, Curta-metragem — Realização de Arnaud Dufey

2024, *So That It Never Happens Again*, Longa-metragem — Série documental *La Mécanique du Crime*, Episódio 3 — Realização de Arnaud Dufey

2014, *Dizziness*, Curta-metragem — Realização de Arnaud Dufey

2012, *Atoms*, Curta-metragem — Realização de Arnaud Dufey



A woman with dark hair, wearing a patterned blazer over a white blouse, is looking down at a book. A young girl with long, curly brown hair, wearing a dark leather jacket, is also looking at the book and holding a blue pencil. A boy with dark hair is partially visible on the right side of the frame, also looking towards the book. The background is a plain, light-colored wall.

"Uma história de temática familiar tão cinematográfica quanto qualquer grande produção de estúdio. Os momentos mais cinematográficos não estão na grandiosidade da escala, mas nos primeiros planos."

Loud and Clear Reviews



PALMARÉS

Berlinale 2025 — Menção Especial GWFF para Melhor Primeira Longa-Metragem (secção Perspectives)

Festival de Cinema Europeu de Sevilha 2025 (22.ª edição) — Melhor Filme (Golden Giralillo), Melhor Argumento e Melhor Atriz para Myriem Akheddiou

Prémios René do Cinema Belga 2025 (15.ª edição) — Oito prémios no total, incluindo Melhor Filme, Melhor Atriz e dois prémios do público

Festival Internacional de Cinema de Namur (FIFF) — Bayard de Ouro para Melhor Filme e Bayard para Melhor Interpretação: Myriem Akheddiou

Reims Polar 2025 — Prémio Sang Neuf, Prémio Jovens e Prémio de Melhor Interpretação

Cork International Film Festival 2025 — Spirit of the Festival Award para Melhor Filme e Lookout Award (Júri Jovem)

Festival Internacional de Cinema do Uruguai (43.ª edição) — Menção Especial de Melhor Interpretação para Myriem Akheddiou

TOFIFEST 2025 — Menção Especial para Myriem Akheddiou

Leeds Film Festival — Menção Especial do Júri Constellation

Festival Ciné Citoyen — Prémio do Júri Jovem e Prémio do Júri



"Uma defesa convincente da voz e da capacidade de ação das vítimas menores num sistema imperfeito."

AFI Fest

A photograph of two women sitting in front of a large window with a cityscape view. The woman on the left has long, wavy reddish-brown hair and is wearing a black blazer over a white ribbed top. The woman on the right has dark hair and is wearing a grey and white patterned blazer over a white blouse with a colorful floral pattern. Both women have serious expressions. The background shows a blurred cityscape with buildings and a balcony railing.

CONTACTOS

LOU LOUÇÃO / DISTRIBUIÇÃO

distribuicao@zeroemcomportamento.org

ZEROEMCOMPORAMENTO.ORG

